

A cidade e os símbolos
Imagens de Petrópolis na literatura brasileira

Maria Tereza Carneiro Lemos¹
Doutora em Letras PUC- RJ
maria.tereza.lemos@terra.com.br

Este ensaio é resultado do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa “Literatura brasileira e modernidade”, coordenado pela autora, no Curso de Letras da Universidade Católica de Petrópolis, no período de 2000 a 2002.

¹ Coordenadora e professora de Literatura Brasileira do Curso de Letras da UCP de 1996 a 2003, doutora em Letras pela PUC-RJ, atualmente é professora de Língua Portuguesa e Comunicação Empresarial dos cursos de Relações Internacionais e Economia do Ibmecc-RJ.

A cidade e os símbolos²

Imagens de Petrópolis na literatura brasileira

Maria Tereza Carneiro Lemos

Palavras-chave: Modernidade - Literatura Brasileira – Petrópolis

Resumo: Este ensaio busca interpretar as representações da cidade de Petrópolis na literatura brasileira nas transições dos séculos 19-20 e 20-21, por meio de imagens da cidade que, pontuando momentos extremos da modernidade no Brasil, sugerem os contrapontos campo – cidade, memória-esquecimento, centro-periferia.

Key-words: Modernness – Brazilian Literature - Petrópolis

Abstract: This essay intends to analyse the representations of Petrópolis in Brazilian Literature in two century transitions, pointing out extreme moments of modernness in Brazil and making counterpoints between the images of the city as country-city, memory-forgetfulness, center-periphery.

*Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,
Interessa mais que uma avenida urbana.
Nas cidades todas as pessoas se parecem.
Todo o mundo é igual. Todo o mundo é toda a gente.
Aqui não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.*

“Estrada” Manuel Bandeira (Petrópolis, 1921)

Na Antigüidade, a fundação de uma cidade guardava um amplo sentido religioso, constituindo-se, geralmente, em torno de um templo, cuja divindade seria o espírito protetor deste povo. As cidades medievais cristãs seguiam o mesmo exemplo: os pequenos

² Tomei a liberdade de utilizar alguns títulos de capítulos (“As cidades e os símbolos”; “As cidades e o desejo”; “As cidades e as trocas”) da obra de Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*, como fonte de inspiração

povoados tinham como ponto inaugural uma igreja e um santo que daria ao nascimento destas cidades um sentido de sacralidade. Poderíamos afirmar que as cidades pré-industriais, de maneira geral, obedeciam a esta regra, constituindo-se sempre em relação ao sagrado e à memória: “A cidade não se julgava com direito de esquecer coisa alguma porque tudo em sua história estava ligado ao culto” afirma Fustel de Colanges em *A cidade antiga*.

O advento da classe burguesa traz consigo novas e revolucionárias formas de vida, destruindo antigos sistemas e crenças, e criando um mundo onde “tudo o que é sagrado, é profanado”³. Podemos dizer que, a partir da revolução industrial, este elo com o divino, nas cidades, se perderá definitivamente. Os antigos campanários serão substituídos pelos “arranha-céus” que, como torres de Babel, materializam a onipotência e a ganância da cidade moderna. Em outras palavras, estas cidades em formação, dessacralizadas, abandonam o templo e constituem-se em torno de um mercado ou uma indústria. A cidade antiga, que sobrevive à revolução industrial, terá dois caminhos: será conservada como cidade-província, ainda ligada à economia agrícola, ou será transformada em metrópole industrial, num arranco veloz em direção à modernidade. A economia capitalista será a grande transformadora e sua força-motriz, o lucro multiplicador das riquezas, ditará as regras da nova organização urbana: a cidade moderna é aquela que vive numa incessante reconstrução.

A especulação imobiliária e a crescente desigualdade entre os homens são alguns dos resultados deste sistema que acaba configurando a nova paisagem. Demolições e construções são termos que resumem o processo da cidade moderna, diluindo a antiga oposição entre cidade e natureza. Muitas cidades pré-industriais, hoje, sobrevivem através da memória de monumentos e construções antigas perdidas em meio às cidades modernas, que se transformam incessantemente num processo obsessivo. A própria cidade-província, hoje em dia, não consegue mais escapar dos poderosos tentáculos da expansão imobiliária, sempre legitimada pela propaganda do “inevitável” progresso, com sua face oculta. Enfim, o que resta ao homem urbano é a tentativa de registrar a sua cidade na memória, tentando

para a simbologia deste ensaio.

³ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 20

captá-la por inteiro ou na sua própria fragmentação. Ítalo Calvino, no seu romance *As cidades invisíveis*, consegue expressar a curiosa e intensa relação entre o homem e a cidade:

As cidades também acreditam ser obra do espírito ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.⁴

Os homens, como habitantes das cidades, ou como viajantes, turistas e *flâneurs* têm registrado em prosa e poesia, através dos tempos, suas impressões e relações de amor com a cidade. Em seus textos, as cidades apropriam-se de uma alma e tornam-se fontes de constantes revelações. Através de seus sistemas de organização política e jurídica, de suas habitações, suas ruas, enfim, de seus valores materiais ou simbólicos, as cidades são interpretadas pelo observador atento que, a partir destes sistemas de sinais, pode chegar à vida dos seus habitantes - aqueles que ordenam e são também ordenados pela cidade. Desta forma, uma cidade pode se apresentar como um texto escrito: seu sistema de sinais está aberto a múltiplas possibilidades de leituras. O crítico uruguaio, Angel Rama, esclarece que

Toda cidade pode parecer-nos um discurso que articula variados signos-bifrontes de acordo com leis que evocam as gramaticais. Mas há acordo onde a tensão das partes se agudizou. As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta (...). Há um labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência pode decifrar, encontrando sua ordem.⁵

O sentido de labirinto, freqüentemente usado para sugerir o processo construtivo da cidade, indicando ao mesmo tempo uma ordem (dos signos) e uma desordem (da aventura pessoal), tem sido explorado em todas as suas possibilidades pelos *narradores-viajantes* ou cronistas da cidade. Serão eles os grandes “leitores” da cidade, interpretando-a, e revelando, muitas vezes, uma interação entre sujeito e objeto de tal forma que não saberíamos dizer se são os homens que habitam a cidade ou se a cidade habita os homens.

Nossa intenção, neste trabalho, é fazer uma breve análise sobre as representações da cidade de Petrópolis na literatura brasileira. A cidade imperial brasileira guarda em si uma rica simbologia, não só relacionada ao Império, mas também a uma intensa relação de

⁴ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 44.

⁵ RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 53.

trocas com a cidade do Rio de Janeiro, em toda a sua história. A partir de uma leitura de diversos textos da literatura brasileira, pudemos estabelecer, através de algumas imagens recorrentes, uma simbologia da cidade. Partimos de textos que retratam a cidade do final do século XIX até hoje, e dividimos este recorte temporal em dois momentos: imagens das transições dos séculos XIX-XX e XX-XXI.

A própria localização de Petrópolis, nas montanhas da Serra da Estrela, já sugere uma simbologia relacionada ao bucólico e à pureza dos ares e das águas. Afinal, foram estes os motivos que levaram a Família Real a elegê-la como moradia, fundando-a como a imperial cidade de Pedro. Não vamos nos ater, aqui, aos símbolos da Petrópolis aristocrática, já bastante explorados e conhecidos, mas sobretudo, aos contrastes entre cidade antiga e cidade moderna. Contradição que está implícita na própria cidade atual, onde convivem as duas, como também está explícita na relação de trocas entre Petrópolis e Rio de Janeiro por meio da clássica oposição entre campo e cidade. Desta forma, Petrópolis assume duas possíveis leituras: *o campo* ou *a cidade (moderna)*.

A cidade e os desejos

É, sem dúvida, o bucolismo a imagem mais recorrente de Petrópolis. A grande parte dos textos retratam a cidade como a personificação da pureza e da paz almejadas. Alguns romances e crônicas do Brasil do século XIX, já apresentavam Petrópolis como o refúgio da elite carioca. José de Alencar, em crônica de novembro de 1854, prenunciava o verão comparando o povo carioca a “aves de arribação” que nesta época do ano, fugia para a “graciosa” cidade montanhosa:

A força do verão já se vai fazendo sentir; e aqueles que não estão presos à vida da cidade estão já tratando de fugir desse clima ardente (...)

Petrópolis – a alva e graciosa Petrópolis, com suas brumas matinais, com suas casinhas alemãs, com seus jardins, seus canais, suas ruas agrestes – lá nos envia de longe um amável convite aos seus passeios poéticos, à vida folgazã que se passa nos seus hotéis, à missa dos domingos na capelinha da freguesia, e a tantos outros passatempos campestres, que se gozam durante todos esses dias em que aí vivemos como aves de arribação, prontos a bater as asas ao primeiro sorriso da primavera (...)⁶

O criador de Iracema não deixa escapar seu veio ufanista na descrição da natureza brasileira, na crônica citada; e utiliza-se, curiosamente, da mesma expressão usada no início do seu romance indianista (“Além, muito além daquela serra, que azula no horizonte, nasceu Iracema”), que seria escrito somente onze anos depois. A exuberância e o mistério das nossas florestas pareciam estar sempre além de todos os limites visíveis pelo homem:

Além de Petrópolis, muito além, lá estão as serras, as matas ainda virgens, as florestas sombrias de nossa terra, as árvores seculares, os lagos, e as correntes d’água que atravessam os lagos e as planícies.

No romance *Cinco minutos*, do mesmo autor, o narrador, depois de descrever o pitoresco passeio da “barca da Estrela” - em direção a Petrópolis, ao encontro da sua amada – relata a chegada à cidade:

Quando cheguei a Petrópolis (...) entrei nesse hotel suíço (...). A noite estava escura. Era uma dessas noites de Petrópolis, envoltas em nevoeiro e cerração. Caminhávamos mais pelo tato do que pela vista, dificilmente distinguíamos os objetos a uma pequena distância; e muitas vezes, quando o meu guia se apressava, o seu vulto perdia-se nas trevas. Voltei ao hotel.

Abri a minha janela e sentei-me ao relento.

A brisa da noite trazia-me de vez em quando um aroma de plantas agrestes que me causava íntimo prazer.

Fazia lembrar-me da vida campestre, dessa existência doce e tranqüila que se passa longe das cidades, quase no seio da natureza.

Pensava como seria feliz, vivendo com ela em algum canto isolado, onde pudéssemos abrigar o nosso amor em um leito de flores e de relva.

(...)

Só essa idéia embelezava tudo para mim; a noite escura de Petrópolis parecia-me poética e o murmurejar triste das águas do canal tornava-se agradável.⁷

Muito caras à estética romântica do século XIX, a natureza exuberante e a névoa misteriosa alimentavam os sonhos dos poetas desta época intensificando o amor ou a evasão no mistério.

Na virada do século, ao retratar outro contexto social e político, mais complexo, Machado de Assis coloca na voz de Natividade, mãe dos irmãos belicosos Esaú e Jacó, o desejo de paz que os filhos nunca alcançariam; e sugeria: “Petrópolis é a cidade da paz; e, como dizia outro dia o Conselheiro Aires, é a cidade neutra, é a cidade das nações.”

⁶ ALENCAR, José de. *Crônicas escolhidas. Folha de São Pulo*. São Paulo: Ática, 1995, p. 59.

⁷ Op. Cit., p. 21 e 22.

E acrescentava, com a sutil intenção de apaziguar os irmãos divididos entre República e Monarquia: “Se a capital do Estado fosse ali, não haveria deposição de governo. Petrópolis – vejam vocês que o nome, apesar da origem, ficou e ficará – é de todos”.⁸

Na poesia, o sentido de pureza da cidade encarna o seu grande potencial simbólico na *água*. A simbologia da *água pura* dá à cidade também o grande referencial de lugar da purificação espiritual. Gaston Bachelard em seu estudo *A água e os sonhos* afirma que: “À água pura pedimos, pois, primitivamente, uma pureza ao mesmo tempo ativa e substancial. Pela purificação, participamos de uma força fecunda, renovadora, polivalente.”⁹ A metáfora da água torna-se um importante símbolo de Petrópolis, sempre relacionando a cidade ao seu poder transformador. O poeta parnasiano Alberto de Oliveira revela este potencial em “Água lustral”, poema publicado na Tribuna de Petrópolis na edição de 28 de abril de 1929”.

Água lustral

Há no píncaro azul da serra,
Ao pé das nuvens, uma fonte pura,
Onde, antes de subir do céu à altura,
É costume banhar-se a névoa fria.

Sai então, como sai a luz do dia,
Límpida e nua; eleva-se a mistura
Dos transparentes ares à brancura,
A brancura impoluta e fugidia.

Assim também, quando fatalmente
Te chegue, ó alma de mais alta e bela
Região buscares, na ascensão estranha,

Sejam-te preces e arrependimento
Água em que os erros laves, como aquela
Em que se lave a névoa da montanha.

O poema traz um sentido religioso de sublimação da alma que, ascendendo como a névoa fria, será purificada através das “preces e arrependimento”, como a névoa que se lava

⁸ ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Klick Editora, s/d., p. 200.

⁹ BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 146.

na água da montanha. Nas palavras de Gaston Bachelard, “a água tende ao bem. É uma substância do bem”.¹⁰

É o frescor das fontes que completa o sentido sagrado das paisagens da cidade, na primeira imagem revelada em “Petrópolis” de Sylvio Adalberto¹¹:

Cantiga fresca das fontes
Salmo votivo da terra,
Como se fosse entre os montes
Jardim suspenso na serra.

Segundo Paul Claudel, “tudo o que o coração deseja pode sempre reduzir-se à figura da água”¹². Em “Fundação de Petrópolis” de Sylvio Adalberto, essas águas têm o poder de apascentar as sedes de muitos homens através dos séculos: “abençoados sejam os férteis vales e a transparente água que apascenta todas as nossas sedes seculares.”¹³

A água pode assumir também o próprio reflexo da natureza e do pitoresco da cidade como um espelho, em “Retrato da minha cidade” de Alcindo Sodrê:

És mais formosa assim,
E em tuas águas espelhas
Os perfis dos teus montes,
As sombras das tuas pontes,
Das tuas pontes vermelhas...¹⁴

Elisabeth Bishop, em seu Sítio da Alcobacinha, Fazenda Samambaia, em Petrópolis, descreve no poema “Canção do tempo das chuvas” sensações relativas a um tempo perdido e ancestral, em que se ressaltam os símbolos dos reinos da natureza, “numa obscura era de água”. A natureza se personifica e vive porque a água garante a vida sobre a terra:

Numa obscura era
da água
o riacho canta de dentro
da caixa torácica
das samambaias gigantes
(...)

¹⁰ Idem., p. 148

¹¹ ADALBERTO, Sylvio. *Silêncio alucinado*. Edição do Autor, 1993, p. 30.

¹² CLAUDEL, Paul. *Positions e propositions*, t. I, p. 235.

¹³ *Tribuna de Petrópolis* 16/03/2002.

¹⁴ PINHO, Euclides. *Petrópolis glorifica seu poeta Carlos Maul*. Edição do Clube 29 de Junho, 1974. p. 31.

Sem água
 a grande rocha ficará
 desmagnetizada, nua
 de arco-íris e chuva,
 e o ar que acaricia
 e a neblina
 desaparecerão;
 as corujas irão embora,
 e todas as cascatas
 hão de murchar ao sol
 do eterno verão.¹⁵

Na sua estada em Petrópolis, para um tratamento de tuberculose, Manuel Bandeira, na década de 20 do século passado, escreveu uma série de poemas no livro *O ritmo dissoluto*, em que as imagens da água que corre nas noites petropolitanas são metáforas melancólicas da vida que passa:

Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos símbolos,
 Que a vida passa! que a vida passa !
 E que a mocidade vai acabar.
 “Estrada”

À parte as águas de um córrego contavam a eterna história sem começo nem fim.
 “Sob o céu todo estrelado”¹⁶

No poema “Noturno da Mosela”, o incômodo causado pelo fluxo constante da água confunde-se com o sofrimento interior do poeta diante do impiedoso tempo que passa:

Mas esta queda d’água que não pára! que não pára!
 Não é de dentro de mim que ela flui sem piedade?...¹⁷

A fluidez das águas faz do rio um símbolo do tempo e da transitoriedade, mas também da constante renovação da vida que vai e da vida que vem. Para Bandeira, no entanto, o sofrimento da doença intensifica a noção de perda do tempo que se vai como as águas, sem a perspectiva do futuro. A noção da morte, aqui, anula a dinâmica do renascimento.

¹⁵ BISHOP, Elisabeth. *Iceberg imaginário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 32.

¹⁶ BANDEIRA, Manuel. *Cinza das horas, Carnaval, Ritmo dissoluto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 115.

¹⁷ Op. Cit. p. 116.

A cidade e as trocas

Na cidade do Rio de Janeiro das últimas décadas do século XIX, havia a emergência em se transformar o espaço urbano, até então de feição colonial, em metrópole moderna. Cronistas e historiadores, tendo Paris como grande modelo, registravam o atraso e a miséria em que se havia transformado a cidade, capital do país. Nas palavras de João do Rio, “De súbito, da noite para o dia, compreendeu-se que era preciso ser tal qual Buenos Aires, que é o esforço despedaçante de ser Paris”.

Na verdade, o que incomodava e preocupava os defensores da modernização era o Rio de Janeiro das ruelas escuras, dos cortiços, dos casebres e quiosques, ou seja, a cidade noturna dos “livres acampamentos da miséria”, segundo João do Rio, a que se somava o surto de febre amarela que assolou a cidade nesta época. A real intenção, segundo o cronista Luiz Edmundo, era transformar

a cidade pocilga em Éden maravilhoso, fonte suave de beleza e de saúde, centro para onde logo afluem estrangeiros que, até então, medrosamente nos visitavam, apavorados, todos com a febre amarela: americanos, ingleses, italianos, alemães, que aqui chegam trazendo-nos além de um esforço pessoal apreciável, capitais, estímulo, e o que é melhor ainda, a visão civilizadora de pátrias adiantadas e progressistas.¹⁸

Entre 1850 e 1906, declarou-se uma verdadeira “guerra contra os cortiços”¹⁹, numa tentativa de se apagar a cidade-noturna e miserável que envergonhava, caso já exposto na literatura brasileira através do romance de Aluísio Azevedo, *O cortiço*. Na crônica de Luiz Edmundo, deparamo-nos com o grotesco deste quadro: “Penetremos o cortiço que se esparrama diante de nós, sujo, feio, miserável, com a sua tosca linha de casinholas sem luz, sem ar, sem conforto... com o seu agressivo cheiro de sabão e a sua morrinha estonteante de suor”. Mais uma vez, a referência à cidade como uma pocilga é feita agora pelo cronista Olavo Bilac quando reclama do Rio de Janeiro do seu tempo: “tivemos que viver numa imensa pocilga de dous mil quilômetros quadrados, como um bando de bácoros fuçando a

¹⁸ EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1983. p. 28.

¹⁹ Título de publicação de Sidney Chalhoub, IFCH-Unicamp (nº 19, 1990).

imundície”²⁰. O surto de febre amarela que assolou a cidade nesta época foi mais um complicador para a situação de penúria já existente.

“Pocilga”, “morrinha estonteante de suor”, “exalações pútridas”, “covil”, são alguns dos termos referentes ao Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX-XX, que traduziam um desejo coletivo de transformar a cidade, modernizando-a, no intuito de poder representar a verdadeira capital da “ordem” e do “progresso”.

É neste contexto que Petrópolis ocupará um lugar privilegiado com a sua pureza e beleza aristocrática. Como apontava José de Alencar na crônica citada anteriormente, a cidade montanhosa era o perfeito refúgio que reunia todas as qualidades já não mais encontradas na capital. Assim é estabelecida uma intensa relação de trocas, tornando a cidade serrana um centro aglutinador de celebridades. A cidade do antigo Imperador, continuará sendo, na República, a anfitriã dos nossos chefes de Estado. Grandes personalidades nacionais e internacionais como Rui Barbosa, Santos Dumont, Stephan Zweig, Gabriela Mistral, Elisabeth Bishop entre outras foram atraídas pelas belezas da cidade montanhosa.

A busca da pureza perdida no Rio de Janeiro trazia também à serra os nossos mais ilustres poetas parnasianos: Olavo Bilac, Raimundo Correa e Alberto de Oliveira . Este último cantou, em versos lacrimosos, a saudade e as doces lembranças de Petrópolis. A nostalgia da cidade serrana surgia quando o poeta se encontrava em meio ao “inferno” carioca:

É quando aqui, como em região maldita,
É fogo este ar, e o sol candente frágua,
Que a saudade de vós, tensa e infinita,
Cimos dos órgãos, me enche os olhos d’água.

(...)

céu azul! Claro sol! Virente serra!
Por vós que amei e em minha dor menor.
Ó pedaço melhor de minha terra,
Por vós, por vós, por nada mais eu choro!
“Saudade de Petrópolis”²¹

²⁰ BILAC, Olavo. *Vossa insolência: crônicas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 315.

²¹ *Apud* VASCONCELLOS, Francisco de. *Três ensaios sobre Petrópolis*. Edição do Autor, p. 68.

Mas a comparação entre as duas cidades nunca foi tão dramática como em “Lembranças de Petrópolis”²², de Raimundo Corrêa. O poeta personifica a cidade na “bela mulher” que convida a Musa (ou a própria poesia) a se purificar nos seus ares:

É Petrópolis bela que assim fala
 (...)

Vem nos ares salubres da montanha
 Lavar-te oh Musa cortesã jovial!
 (...)

No higiênico fluido matinal...
 Vem ! Galga de Petrópolis a serra
 (...)

Sacode o pó da infecta capital !

A infecta capital com a sua doença – também social e política – comparada à pureza da cidade montanhosa, revela a cidade que se desumanizou brutalmente e “em cujas veias / Canos de esgoto – em vez de sangue, pulsam a vasa e a corrupção”, numa linguagem que oscila entre o lírico e o grotesco:

Aqui verás, em breve, como odeias
 A Capital, com asco e indignação,
 Ela , é um monturo hediondo, em cujas veias
 _ Canos de esgoto _ em vez de sangue, pulsam
 A vasa e a corrupção !
 Em mil batesgas de imundície cheias,
 Todas as fezes que o europeu repulsa
 Lá em monturos fermentando estão.

Teu ódio contra os próprios moradores
 Da estrumeira dos povos, bramirá,
 Políticos sovados pela orgia,
 Agiotas, barões, comendadores,
 (Repúblicos embora); tantos há
 Que, fugindo ao verão e aos queimores
 O que ganham por lá, durante o dia,
 Durante a noite vêm gastar por cá.

Por fim a “Petrópolis bela” pede à Musa que enxote estes intrusos para que voltem a “ferver na vil Gomorra” onde arde a “febre do ouro, ou antes a amarela”. O jogo retórico revela as duas febres que assolam a Capital: o dinheiro e a doença. O cenário dantesco deve ser purgado pelo fogo:

²² In *Tribuna de Petrópolis*, 24/09/1903.

Musa enxota-os de mim, raivosa e bela!
Que os não veja eu, de novo, em meus umbrais.
Deixa-os ferver na vil Gomorra – e nela
Que das outras nações, a turva escória
Ferve, como em caldeiras infernais !
A febre do ouro, ou antes a amarela,
Em que arde a Capital, queime-a, devore-a!

Petrópolis, revelada em sua pureza virginal, assume não só o papel de cidade saudável no contraste com a capital doente, mas também o lugar da infância e da ingenuidade primitiva em contraposição à viciosa maturidade da civilização.

A cidade moderna

Em 1843, Petrópolis deixa de ser uma Província e ganha o status de cidade. A cidade é oficialmente fundada a partir da aprovação do plano de arrendamento e colonização feito pelo major e engenheiro alemão Júlio Frederico Koeller. O plano, aprovado pelo Imperador D. Pedro II, em 16 de março de 1843, instalava uma colônia agrícola de imigrantes alemães convidados pelo Imperador que lhes concedia terras e outros auxílios.

O plano de Júlio Frederico Koeller incluía uma sofisticada planta urbanística para a antiga Fazenda Imperial. A planta apresentava um desenho geométrico e retilíneo, seguindo um padrão de planejamento urbano ocidental da cidade moderna, comum desde a Renascença. A Província, antes de estilo colonial tradicional, é transformada em cidade moderna, onde os rios passaram a servir ao traçado das novas ruas e avenidas, construídas às suas margens e dando acesso aos bairros. Em diferentes proporções, Petrópolis apresenta várias semelhanças com a cidade russa de São Petersburgo (inclusive no nome) que foi um marco revolucionário em termos de construção urbana na Europa: as duas cidades de Pedro foram projetadas por estrangeiros, seguindo moldes de cidades estrangeiras (São Petersburgo nos moldes de Veneza e Amsterdã; Petrópolis nos moldes de cidades alemãs); ambos os Pedros eram monarcas dedicados ao mecenato, que promoviam seus reinos convidando freqüentemente grandes personalidades de outros países; o planejamento urbanístico de ambas as cidades seguia o mesmo padrão da cidade moderna, incluindo as

grandes Catedrais aí construídas. Petrópolis, a primeira cidade planejada do hemisfério sul, modernizava-se com rapidez e já no final do século XIX, tornava-se um importante pólo industrial do eixo Rio-São Paulo.

A velocidade imprime à vida moderna um caráter revolucionário. O carro, o trem e, logo depois, o avião transportarão e transformarão o homem. Percorrendo grandes distâncias em cada vez menos tempo, o homem moderno começa a se adaptar a uma espécie de vertigem em que a noção de tempo será radicalmente transformada. O relógio de pulso, como um regulador do tempo individual, ajudará a criar o perfil deste novo homem.

O Conselheiro Aires, narrador de *Memorial de Aires*, último romance de Machado de Assis, faz um curioso e perspicaz comentário sobre a rapidez da viagem de trem a Petrópolis, no ano de 1888, mostrando que “ganhar tempo” é uma questão relativa:

Campos achava grande prazer na viagem que íamos fazendo em trem de ferro. Eu confessava-lhe que tivera maior gosto quando ali ia em caleças tiradas a burros, umas atrás das outras, não pelo veículo em si, mas porque ia vendo, ao longe, cá em baixo, aparecer a pouco e pouco o mar e a cidade com tantos aspectos pinturescos. O trem leva a gente de corrida de afogadilho, desesperado até a própria estação de Petrópolis. E mais lembrava as paradas, aqui para beber café, ali para beber água na fonte célebre, e finalmente a vista do alto da serra, onde os elegantes de Petrópolis aguardavam a gente e a acompanhavam nos seus carros e cavalos até a cidade (...).

Campos continuou a dizer todo o bem que achava no trem de ferro, como prazer e como vantagem. Só o tempo que a gente poupa! Eu, se retorquisse dizendo-lhe bem do tempo que se perde, iniciaria uma espécie de debate que faria a viagem ainda mais sufocada e curta.²³

Sem perder seu caráter pitoresco, ainda com seus “tílburis”, o centro da cidade, na República Velha, é retratado pela poetisa Maria Eugênia de Castro em “A Rua do Imperador”. Símbolo da cidade, a grande rua central, depois da proclamação da República, teve seu nome substituído por “Rua Quinze”, numa tentativa de apagar as marcas do antigo regime. Mas para os moradores da cidade imperial, a rua seria sempre “do Imperador”.

A Rua do Imperador era completa.
 Chamava-se Rua Quinze, porém era chamada
 Por toda gente ainda: Rua do Imperador.
 Era a mais importante da cidade.
 A mais movimentada,
 A mais comprida, a mais comercial.
 No carnaval, a rua-mãe do entrudo,
 A rua principal.
 Ao longo dos dois rios, vindos um do Morin, outro da Terra,

²³ Op. Cit. p. 23, 24.

Juntados na Bacia,
 Para formar, mais longe, o Piabanha,
 Lá ia como um duplo corredor.
 Longe e reta,
 E assim cheia de coisas prestigiosas
 Parecia tamanha
 Que só de carro mesmo é que a gente podia
 Do princípio até o fim a percorrer.
 De carro ou tîlburi... O tîlburi de “seu” Bento
 Um velho tîlbureiro gordo e jovial
 (...)
 No Hotel Bragança
 Os veranistas sentados no passeio
 Falavam mal da gente que passava
 E todas as manhãs
 O Largo do Afonso era uma festa.
 (...)
 Na Rua do Imperador, impreterivelmente,
 Ficava tudo
 Que era importante e que era bom.²⁴

O poeta petropolitano Carlos Maul revela, em poema dedicado a Petrópolis, “Retrato da minha cidade”: “A civilização mudou tua fisionomia, / Deu-te outras formas, transformou-te as linhas”²⁵, indicando as novas imagens na cena da cidade serrana: as ruas, as multidões, a indústria e os carros. A rua do Imperador perde seu caráter pitoresco, como é vista na crônica de Sylvio Adalberto, em que a cidade se revela com os mesmos percalços de qualquer outra cidade moderna. O homem na multidão – que já foi tema em Edgar Allan Poe, Baudelaire, Walter Benjamin e outros – é aquele que perdeu seu olhar à distância, é aquele que, apressado, preocupa-se em “abrir caminhos” pela massa de passantes e perdeu o interesse em olhar.

Marshall Berman, em sua análise sobre a obra urbana de Baudelaire, nos fala sobre “o homem moderno arquetípico” no “palco da cena moderna primordial” ou seja, o homem na multidão da rua:

O pedestre lançado no turbilhão do tráfego da cidade moderna, um homem sozinho, lutando contra um aglomerado de massa e energia pesadas, velozes e mortíferas.

(...) Lançado neste turbilhão, se vê remetido aos seus próprios recursos que ignorava possuir – e forçado a explorá-los de maneira desesperada, a fim de sobreviver. Para atravessar o caos, ele precisa estar em sintonia, precisa adaptar-se aos movimentos do caos, precisa aprender não apenas a pôr-se a salvo dele, mas a estar sempre um passo adiante. Precisa desenvolver sua habilidade em

²⁴ CELSO, Maria Eugênia. *O solar perdido*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945.

²⁵ PINHO, Euclides. *Petrópolis glorifica o seu poeta Carlos Maul*. Edição do Clube 29 de Junho, 1974.

matéria de sobressaltos e movimentos bruscos, em viradas e guinadas súbitas, abruptas e irregulares – não apenas com as pernas e o corpo, mas também com a mente e a sensibilidade.²⁶

Para ensinar este homem moderno a atravessar o turbilhão do centro de Petrópolis, o cronista petropolitano Sylvio Adalberto escreveu, com bom humor, o “Manual para andar na Rua do Imperador”, em que explica as regras para se “atravessar o caos”:

Rua do Imperador fervilhando. Manhã de primavera, aquela chuvinha já incorporada aos nossos hábitos. Você com pressa porque tem horário a cumprir. Sua filha esperando na porta do colégio. Como andar depressa em tal emaranhado? Muito simples. Use o manual. Inicialmente coloque os dois pés na calçada. (...) Calçada é o caminho ou rua, revestidas de pedras portuguesas em alguns trechos, em outros de entulhos, caixas de papelão, escadas, andaimes, bancas de jornais e de camelôs, mesinhas de jogo de bicho, mendigos, ciganas e, principalmente, de buracos. Nos países civilizados são muito usadas para pedestres. Agora presta atenção no serviço: quem sobe anda na beirada, quem desce vai pelo canto. Quem está com pressa vai pela rua ou do lado do rio. E vamos nós. (...) Cumprimente os conhecidos com rápidos acenos de cabeça, se alguém o chamar, em hipótese alguma tente descobrir quem foi. (...) Passe por cima das pernas das pessoas que estão sentadas no chão pedindo esmola, sempre olhando em frente, mas cuidado não vá abalroar os paraplégicos vendendo balas em suas cadeiras de rodas. (...)

Calma, estamos quase completando o percurso. Só falta passar pela mulher da ferida exposta, a do recém-nascido, o grupo de ciganos que querem ler a sorte na marra, a igreja do bispo Macedo, onde você só vai conseguir passar pelo meio da rua, e tampe os ouvidos se não quiser ser convertido.²⁷

“Uma cidade moderna é como todas as cidades modernas”²⁸, dizia João do Rio, em sintonia com os versos de Manuel Bandeira: “Nas cidades todas as pessoas se parecem./ Todo mundo é igual. Todo mundo é toda gente”.

A cidade oculta

A cidade moderna, fragmentada pelo seu crescimento vertiginoso, cresce com seus tentáculos em várias direções, abrindo novos espaços urbanos e abrigando nas suas margens a população que não pode estar no centro.

Àqueles que não têm poder aquisitivo é reservada a periferia que, sem condições básicas de moradia, é ocupada de forma inadequada e perigosa, revelando um antigo quadro de omissão e abandono por parte do poder público e da sociedade. Cria-se, desta forma, na organização da cidade moderna, uma “lógica hierarquizadora” de caráter

²⁶ BERMAN, op. cit., p. 154.

²⁷ ADALBERTO, op. cit., p. 7.

²⁸ RIO, João do. “O velho mercado” in *Cinematographo*. Porto: Hardon, 1909.

excludente que caracteriza o processo de modernização a que nos submetemos, iniciado na Regeneração do Rio de Janeiro do início do século XX.

Margarida de Souza Neves esclarece que:

a lógica excludente e hierarquizadora, cerne da violência que a “boa sociedade” chama de “ordem”, não se expressa apenas na estrutura desta sociedade que assume formas burguesas, nas manifestações explícitas de truculência ou na guerra civil que a polícia, a Junta de Higiene e os poderes públicos instauram nas ruas da cidade. Ela preside a própria tessitura do urbano. O caráter excludente da sociedade é também exclusão de espaço e exclusão de agentes sociais de determinados espaços. O caráter hierarquizado e hierarquizador da sociedade traz também a hierarquização entre bairros e distritos e no interior deles. Exclusão e hierarquias revelam-se no espaço da cidade. Neste sentido, a própria cidade é *documento* que, como todo documento, revela e oculta a violência, as múltiplas exclusões e as sutis hierarquias da sociedade.²⁹

No início do século XX, o romancista e jornalista Lima Barreto representou a voz dissonante no processo “aristocratizante” e excludente da cidade do Rio de Janeiro, como também de Petrópolis. Referindo-se à cidade serrana como símbolo da atitude esnobe típica da alta burguesia brasileira, no capítulo “Petrópolis” do romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o escritor apresenta o protagonista que afirma: “A mais estúpida mania dos brasileiros, a mais estulta e lorpa, é a da aristocracia.”. Mais adiante Gonzaga completa:

Fugi dessa gente de Petrópolis, porque, para mim, eles são estrangeiros, invasores, as mais das vezes sem nenhuma cultura e sempre rapinantes, sejam nacionais ou estrangeiros. Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus Tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus “galegos” também ...³⁰

Lima Barreto em crônica de 1921, relata, indignado, um caso ocorrido com um amigo, em Petrópolis. Precisando de um atendimento médico, para a comadre, o amigo percebe que os poucos médicos que restavam na cidade – a maioria descia para atender no Rio – não queriam atender gente pobre, como ele. O amigo então denuncia:

Vim indignado com Petrópolis. É uma cidade, de alto abaixo, estragada pela presunção de riqueza e prosápias equívocas. (...) Que audácia de homens, ein? São capazes de curar um milionário de graça, mas atender a chamado de uma família modesta _ qual o que!³¹

²⁹ NEVES, Margarida de Souza. “O povo na rua – um conto de duas cidades” in MOSES, Robert. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994, p. 140.

³⁰ BARRETO, Op. Cit. p. 59.

³¹ BARRETO, Lima. *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 182,183.

No entanto, a lógica da cidade moderna nunca foi tão cruel como nos nossos dias. Sylvio Adalberto, na crônica “Vôo impraticável” revela, com poesia e tristeza, a nova Itaipava, – distrito de Petrópolis – do final do século XX. Vítima da especulação imobiliária, transformada em exclusivo refúgio da alta burguesia carioca, é agora “prostituída” e esquece o seu passado, “voltada apenas para si”:

Empurras com tua barriga burguesa a distância física que te separa da nova urbanidade. Haveria praças e jardins se houvesse senso. (...)

Ocultas a face de tua itinerante juventude atrás dos altos muros dos teus condomínios. Faz-se a nova Itaipava de míseros espaços introflexos, voltada apenas para si, voltando o rosto e as costas para a origem da terra, da vida e do homem. Seria bom que não te desumanizasses. (...)

Os que hoje te prostituem em nome do progresso, não conheceram teu passado, te consideram um presente, e não querem saber do teu futuro.³²

E ao lembrar da velha casa da infância, em Itaipava, o cronista parece confirmar que na modernidade, “tudo que é sólido desmancha no ar”:

Sei o significado daquele sítio em Itaipava.(...) Agora ela [a casa] foi destruída. O progresso não sabe de sentimentos, nem de memórias, nem de doces recordações juvenis. No lugar dela parece que vão construir mais um condomínio fechado. Triste e vago consolo. Perdemos um ponto de referência com o nosso passado. Não podemos deixar que descubram os outros, ou acabaremos sem história.³³

A nova cidade não quer saber de história; as tradições e o pitoresco perdem-se diante da sede de lucro. A ocupação do espaço, desumana e desorganizada, gera infra-estruturas falhas que poluem e escondem crimes ambientais. Para os excluídos, que veem suas cachoeiras cercadas, não têm mais suas praças e coretos, as opções de lazer são descritas com bom humor por Sylvio Adalberto na crônica “Opções de lazer”:

Inventei um processo barato que tem proporcionado muita alegria e distração, a mim e a minha família, em nossos fins de semana. (...) ficar olhando a vitrine de importados do Piccadilly, ou então subir a rua Agostinho Goulão e andar bem devagarinho na frente do restaurante do Chico Veríssimo, deliciando-nos com o aroma de truta ao vinho que vem lá de dentro. (...) Sobrando algum trocado, ou se o vale transporte ainda não tiver acabado, vamos até ao Horto Mercado de Itaipava, olhar as peruas fazerem compras e exibirem seus carros novos, atração antiga do nosso roteiro.³⁴

³² Op. Cit. p. 13.

³³ Idem, p. 20.

³⁴ Idem, p. 15.

Todas as cidades modernas se parecem e tentam esconder as perdas e o alto custo de serem “civilizadas”, como expressam as palavras de Engels na sua obra *Situação das classes trabalhadoras na Inglaterra*: “começa-se a ver que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua humanidade para realizar os milagres de civilização de que a sua cidade fervilha; que centenas de forças latentes neles permaneceram inativas e foram sufocadas”³⁵. Na cidade de Londres recém-industrializada, Engels percebeu o quanto os homens perdiam de sua humanidade para ganhar em civilização. Hoje, podemos perceber o quanto nos tornamos entorpecidos pela aventura da modernidade. Aprisionados no nosso egoísmo, não conseguimos enxergar o outro. A multidão parece não ter vida; são anônimos que fazemos questão de não conhecer. Na crônica “Frio mata dois homens”, Sylvio Adalberto revela o desprezo pela vida na cidade:

A manchete do jornal de domingo explode como um soco na minha cara: “FRIO NA PRIMAVERA MATA DOIS HOMENS NA CIDADE”. Percebo, na foto, a indiferença dos transeuntes, contemplando um dos homens estatelados no passeio público. Um homem morreu de frio. Morreu como um bicho abandonado e era um homem. Tento imaginar a cena do homem deitado, sujo, com fome, morrendo devagarinho na noite gelada, enquanto as pessoas passam, quentinhas em seus casacos, nos seus automóveis, sorrindo, felizes, sem fome, dirigindo-se a encontros, jantares, a festas, sem querer dispensar um único olhar para o homem com fome, estrebuchando, morrendo de frio, lentamente, no meio fio. (...) A cidade desfila indiferente ante um corpo sem vida na calçada. A cidade, com seus vícios, seus pecadinhos e crimes cotidianos, que sabe tão bem disfarçar. (...) Custa-nos compreender a tragédia de homens que morrem de frio e de fome nas ruas de uma cidade civilizada.³⁶

O “milagre da civilização” cobra-nos um alto preço: a cidade e as ruas não nos pertencem mais, e amedrontados cercamo-nos com a nossa indiferença. A cidade moderna em sua organização – ou desorganização – torna-se enfim um grande relato da vida do homem: “O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso”³⁷. Resta a cada um de nós, como seres ainda não completamente destituídos de humanidade, seguir o conselho do grande viajante e conhecedor de todas as cidades, Marco Polo, o narrador do romance *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino:

³⁵ ENGELS, Friedrich. *The condition of the working class in England*. London: Penguin UK, 1987, p. 187.

³⁶ Idem, p. 80.

³⁷ CALVINO, op. Cit., p. 93.

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.³⁸

Na recusa da passividade, poderíamos ainda rastrear os “resíduos utópicos” espalhados pelas nossas cidades e preservá-los, valorizá-los. Nas suas águas, matas, monumentos e no pitoresco das suas ruas, Petrópolis conserva sua memória e ainda espera o respeito e o culto dos homens. Afinal, a cidade não deveria se julgar no direito de esquecer coisa alguma.

³⁸ Idem, p. 150.